

ROMANCES FRANCESES

Gloria Carneiro do Amaral (DLM)

Certamente na proposta deste “Guia bibliográfico” para um estudante de Letras iniciar um passeio por literaturas variadas ou para ler determinado autor, o organizador se depara, de imediato, com a angústia das opções, de escolhas que podem até mesmo passar pelo gosto pessoal. No caso do romance francês, é incontestável a importância e a amplitude do século XIX, privilegiado nesta bibliografia. Mesmo assim, não lhe dei exclusividade: comecei um pouco antes e abri uma janela para o século XX.

- 1. Ligações perigosas** (1782), de Chardel de Laclos. O autor era um oficial do exército francês que pouco escreveu além dessa obra. Romance epistolar, a intriga se monta sem narrador, apenas através da sequência matemática das cartas. É apenas precedido por uma “advertência do editor” e por um “prefácio do redator” que buscam explicar o teor dessa correspondência entre a aristocracia francesa às vésperas da Revolução. Considerado inicialmente um retrato ultrajante dessa classe social, nem seus detratores negam-lhe a fineza da análise psicológica e o brilho da pintura da corrupção de costumes da época. Uma obra que queima “como o gelo”, dirá mais tarde Charles Baudelaire. A temática certamente continua a despertar interesse se considerarmos as inúmeras versões cinematográficas das quais se destacam a de Stephen Frears, de 1988, com nomes conhecidos como John Malkovich, Glenn Close e Michelle Pfeiffer, em atuações brilhantes. Vale lembrar a de Roger Vadim, de 1959, com Gérard Philippe e Jeanne Moreau, adaptada para a época contemporânea. Há uma tradução de Carlos Drummond de Andrade, de 1947, da Editora Globo, reeditada em 2013.
- 2. Notre-Dame de Paris** (1831) e **Os miseráveis** (1862), de Victor Hugo. Victor Hugo foi talvez o escritor mais midiático do século XIX. Exilado de 1852 a 1870, ou seja, durante todo o período do Segundo Império, sem pisar em Paris durante esses 18 anos, foi o autor convidado para escrever o texto sobre a cidade para o catálogo da Exposição Internacional de 1867. Digamos que sua projeção midiática continua, pois, afinal o primeiro dos dois romances citados virou desenho animado (1996) e o segundo, musical; contam ambos com inúmeras versões cinematográficas. *Notre-Dame-de Paris*, nas versões modernas, recebeu o título que evoca sua personagem Quasimodo, o corcunda que se apaixona pela bela cigana Esmeralda, protagonizando uma patética história de amor e introduzindo o contraste a gosto romântico entre o grotesco e o sublime. O

romance, de caráter histórico, muito documentado, é sobretudo um registro de Paris no século XV, girando em torno da monumental catedral de Notre-Dame. **Os miseráveis**, de ritmo folhetinesco e elementos épicos, sustenta uma tese humanitária em torno da personagem de Jean Valjean, condenado a trabalhos forçados por ter roubado um pão. Sedutoras para a cinematografia são as cenas das barricadas durante a revolta de junho de 1832 e a fuga de Valjean pelos esgotos de Paris - carregando nas costas o amado de sua filha adotiva -, magistralmente interpretado por Jean Gabin na versão de 1958.

3. **O tio Goriot** (1834-5), **Ilusões perdidas** (1837-43) e **Esplendores e misérias das cortesãs** (1838-47), de Honoré de Balzac. No vasto painel da Restauração, de mais de 80 romances e cerca de 2.400 personagens, que constitui a *Comédia Humana*, é impossível selecionar um só título. Os três romances citados podem dar uma boa perspectiva do conjunto.

Ilusões perdidas, segundo o próprio autor é “obra capital dentro da obra” (carta a Madame Hanska, 2 de março de 1843). Num certo sentido, o romance articula-se em torno do livro, desde sua existência material, ou seja, desde a tipografia, espaço onde se inicia a narrativa, até o destino final da obra através da repercussão na imprensa, no mundo da crítica, das intrigas pela conquista de um lugar ao sol. Encontramos o cotidiano da tipografia, a sua luta pela sobrevivência, inclusive a invenção de um tipo de papel pelo amigo de Lucien e seu futuro cunhado, David Séchard; o universo do jornal é apresentado em suas minúcias, intrigas e bastidores. Tudo articulado através da trajetória de uma das personagens antológicas da *Comédia Humana*, Lucien de Rubempré, jovem e ambicioso poeta provinciano que vai buscar fortuna e glória em Paris. Após um primeiro momento de vitória, fracassa fragorosamente, volta derrotado e com as suas ilusões perdidas para a cidade natal de Angoulême; na última sequência do romance, sem esperanças e sem recursos, é resgatado pelo padre Carlos Herrera que lhe propõe voltar a Paris como seu secretário: o hábil folhetinista que é Balzac deixa um final em suspenso, abrindo espaço para a continuação da narrativa, em recurso muito utilizado pelo cinema contemporâneo. E, a partir da aliança de Lucien e do padre Carlos Herrera, mergulhamos no universo predileto do escritor: a luta encarniçada por dinheiro, poder e projeção.

Esplendores e misérias das cortesãs, romance movimentado e sedutor, é inteiramente ambientado em Paris da Restauração, das intrigas que se sucedem em ritmo frenético, na busca de títulos e de dinheiro. Tece-se um final inesperado para ambas as personagens que o leitor segue em suspense desde a primeira cena num baile de máscaras. Este rodopio de personagens que vão aos poucos se tornando familiares ao leitor é conhecido como retorno das personagens, elemento que dá unidade ao conjunto da *Comédia Humana*. E começou a tomar forma em **O tio Goriot**, no

conhecido espaço da Pensão Vauquer, localizada atrás do Panthéon, onde moram além da personagem título, Eugène de Rastignac, dândi e arrivista bem-sucedido, e duas outras personagens bem conhecidas na *Comédia Humana*, o doutor Bianchon e Vautrin. A técnica tão comum nas novelas contemporâneas do núcleo da periferia e dos bairros elegantes tem aí seu ancestral, pois as filhas de Goriot são casadas, uma com um aristocrata e outra com o banqueiro por excelência da *Comédia*, o barão de Nuncingen, personagem fundamental de **Esplendores e misérias das cortesãs** e moram na outra margem do Sena, em bairros elegantes e aristocráticos.

A *Comédia Humana* conta com uma tradução integral e criteriosa da Editora Globo, em edição comemorativa do centenário de morte de Balzac, em 1950, organizada por Paulo Rónai, responsável por um ensaio introdutório a cada um dos romances e cerca de 2.400 notas. Atualmente a segunda reedição está no 12º. volume.

- 4. O vermelho e o negro** (1830) e **A cartuxa de Parma** (1839), de Stendhal. Talvez possamos dividir os leitores de Stendhal em duas categorias: os que preferem o primeiro romance e os que preferem o segundo; na dúvida, é melhor a leitura dos dois para se chegar a uma posição pessoal... **O vermelho e o negro**, cujo subtítulo é “crônica de 1830”, retrata a sociedade da Restauração através de Julien Sorel, jovem pobre e ambicioso, admirador fervoroso de Napoleão, impregnado da energia tão cara ao autor. Em **A cartuxa de Parma**, Stendhal articula sua paixão pela Itália, a leitura de crônicas italianas – título de uma de suas obras - e o mundo que lhe era contemporâneo. O herói, Fabrício Del Dongo, um nobre milanês, sedento de glória e liberdade, aspira reunir-se ao exército napoleônico e a realização de seu desejo traz para a narrativa uma das sequências centrais, a da batalha de Waterloo.
- 5. Madame Bovary** (1857), de Gustave Flaubert. A publicação do romance de Flaubert marca o início do realismo na literatura francesa. Considerada uma obra-prima da literatura francesa, gira em torno de uma das suas mais emblemáticas personagens femininas, Emma Bovary. Filha de um agricultor abastado, educada num convento, leu às escondidas todos os romances que lhe caíram nas mãos. Mergulhada em sonhos românticos, casa-se com Charles Bovary, médico interiorano, medíocre e sem imaginação. Vivendo em tédio crescente, enceta uma trajetória de traições conjugais e do que chamaríamos atualmente de consumismo desenfreado, que culmina com o seu suicídio. Essa trajetória individual projeta-se na pintura da vida na província, com suas feiras agrícolas e personagens representativas. À figura romântica de Emma contrapõe-se o farmacêutico Homais, imbuído de espírito científico. Tudo registrado em um projeto que se propõe a criar um narrador distanciado e objetivo e uma escritura que busca o *mot juste*.

6. **L'Assommoir** (1877) e **Germinal** (1885), de Emile Zola. A saga dos Rougon-Macquart insere-se no espírito do século de XIX que criou projetos de pinturas amplas do quadro social e histórico da sociedade. O que sobretudo distingue o romance de Zola é a inspiração na biologia, no cientificismo da época, uma adesão às ideias de Claude Bernard e ao determinismo de Taine. Escreveu inclusive *O romance experimental* (1880) expondo sua doutrina naturalista. Mas o apreço pelo realismo documental, pela observação e análise não deixa de lado o cuidado com um estilo pessoal e com a criação de personagens vigorosos. Através de cinco gerações de personagens, Zola nos mostra a vida das sucessivas camadas da sociedade francesa do fim do século XIX: vida política, das finanças, o surgimento dos *grands magasins*, a vida das cortesãs, das ferrovias, dos camponeses. Talvez atualmente o mais conhecido dos romances, seja **Germinal**, que retrata a vida dos mineiros e expõe o gosto do romancista pelos grandes movimentos das massas e pela inspiração épica. O desejo de ser fiel à realidade levou Zola a passar dois meses trabalhando como mineiro numa extração de carvão, o que o instruiu sobre os aspectos técnicos da mineração, que ele mostrou rigorosamente na obra, tornando a sua leitura um pouco árdua, tal a fidelidade às ferramentas de trabalho, cujo uso é escrupulosamente descrito; mas também permitiu que acompanhasse de perto as dificuldades cotidianas da vida dos mineiros. A narrativa transcorre durante uma greve dos mineiros por melhores salários e mostra o início da organização política e sindical da classe operária. Todos esses elementos favoreceram o acolhimento pelo cinema. Há uma versão de 1993 dirigida por Claude Berri, com Gérard Depardieu, como Maheu e Renaud como Etienne Lantier.

Para entendermos a articulação de *Rougon-Macquart, história natural e social de uma família sob o Segundo Império*, precisamos lançar o olhar a pelo menos um outro romance do conjunto, **L'Assommoir** (1877, em tradução A taberna). Segundo Albert Thibaudet, crítico e historiador da literatura, trata-se do primeiro sucesso de Zola e um divisor de águas na sua carreira: antes e depois de **L'Assommoir**. Conta a história de Gervaise, lavadeira prestimosa e batalhadora, que, pressionada por circunstâncias existenciais, cai no alcoolismo e na decadência moral. É mãe de Etienne Lantier, personagem fundamental de **Germinal** e de *Nana*, que se torna cortesã e protagonista do romance do mesmo nome; encadeiam-se assim, através das gerações as narrativas dos Rougon-Macquart. Este último romance, de leitura atraente, é objeto de estudo do fundamental ensaio de George Lukacs, “Narrar ou descrever?” (1936), em que o crítico compara a corrida de cavalos de *Anna Karenina* com outra, descrita em *Nana*.

Gide, na introdução à sua antologia da poesia francesa declara que o critério fundamental de sua seleção foi o gosto pessoal. Também não posso me furtar a mencionar outro romance, não tão

fundamental para uma visão dos *Rougon-Macquart*, mas de leitura muito agradável e de final surpreendente para o estilo zoliano: *Au bonheur des dames* (na tradução *O paraíso das damas*).

7. **Em busca do tempo perdido** (1913-1927), de Marcel Proust. Alguns críticos contemporâneos são categóricos e consideram Proust o maior romancista do século XX. E talvez **Em busca do tempo perdido** seja o mais conhecido conjunto romanesco desse século. Composto por sete obras, reconstitui uma época e traça o perfil de uma classe social, tudo filtrado através de uma consciência individual que impregna todas as páginas com densas reflexões sobre os temas centrais da obra: tempo, memória, amor, ciúmes, sentido da arte. O grande achado de Proust seria, segundo a crítica, essa articulação da observação e da introspecção, do eu e do mundo, construída através de uma organização, que é comparada à de uma catedral ou à de uma sinfonia, orquestrando seus temas centrais. E se o título da obra remete ao tempo, nela encontramos também a recuperação do espaço, o que se dá de forma fragmentária e transformadora, pois a geografia se perde em reflexões e é entremeada pela construção de personagens como a Duquesa de Guermantes, Swann, Odette, Charlus, Bergotte, Albertine, Gilberte; daí títulos como **No caminho de Swann** e **O caminho de Guermantes**. Mas, especialmente, estamos diante de um romance parisiense, “talvez o primeiro exemplo de um romance puramente parisiense”, segundo Albert Thibaudet. Acrescente-se que a memória involuntária, desencadeada por estímulos sensoriais, traz o universo existencial do narrador para o presente da narrativa. O famoso episódio da *madeleine*, bolinho doce e redondo que Tante Léonie mergulhava no chá e dava ao narrador para que ele degustasse, traz de volta esse universo da infância. Temos, em português, uma excelente tradução, realizada por nomes do porte de Mário Quintana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Lúcia Miguel-Pereira, pela Editora Globo.

8. **Les faux-monnayeurs** (1925), de André Gide. O futuro ganhador do Prêmio Nobel de Literatura (1947) teve amplo acolhimento por mais de uma geração de leitores por causa da filosofia hedonista de *Nourritures terrestres* (1897, "*Os frutos da terra*" em tradução de Sérgio Millet (1982), pela Nova Fronteira). Mas certamente uma das renovações do gênero romanesco na França começa com **Os falsos moedeiros**, embora os elementos habituais do gênero estejam presentes, especialmente um enredo intrincado e personagens muito diversificadas. Dentre estas distinguimos três, centrais: o escritor Édouard, seu sobrinho Olivier Molinier e Bernard Profitendieu. Este último, colega e amigo de Olivier, logo no início da narrativa, abandona a casa paterna por descobrir-se filho ilegítimo – e eis um tema caro ao escritor, o do filho bastardo – e torna-se secretário de Édouard. As mudanças de espaço e as sequências de episódios são

evidenciadas de forma acintosa: “deixemos tal personagem, acompanhemos tal outro”; e, às vezes, o narrador, apesar de foros de onisciência, evidencia sua impotência: “gostaria de ir atrás de tal personagem, mas não podemos ouvir tudo”. Outro elemento importante é o fato de Edouard ser escritor e estar escrevendo um romance, um romance dentro do romance, criando uma *mise en abyme*. Quando inquirido, ele afirma que seu livro não se assemelha a nada e não tem assunto (como aspirava Flaubert), ou seja, um romance reduzido à sua essência. A Estação Liberdade lançou, em 2009, uma tradução de Mário Laranjeira.

9. Tropismes (1939), de Nathalie Sarraute. Obra insólita e composta de 24 textos, ou melhor, como sua autora define, composta de “tropismos”, que são “movimentos indefiníveis”. Muito curtos, funcionam como os capítulos da obra, em que as personagens são designadas por pronomes como “eles”, “elas” e outros. Retratam quadros do cotidiano - passear em frente de vitrines ou em parques da periferia, conversar com a cozinheira, fazer visitas na hora do chá- em torno dos quais se articulam movimentos interiores. A obra não apresenta os elementos que estamos habituados a encontrar no romance tradicional e desestabiliza o leitor que acaba por mergulhar em perplexidade. Há uma boa tradução de 2009, por Cristina Vaz Duarte, que oferece ainda a vantagem de uma edição bilíngüe. (Campinas, Editora Komedi)

10. La Modification (1957), de Michel Butor. O romance tem como personagem central Léon Delmont que empreende uma viagem de trem de Paris, onde mora com a família, até Roma para se encontrar com a amante e propor-lhe que venha viver com ele. Durante o trajeto, a personagem vê se sucederem cidades e estações e, paralelamente, revê projetos e aspirações. Repassa sua vida enquanto o trem percorre os quilômetros entre as duas capitais; acaba por mudar de ideia e voltar para casa. A obra é representativa do Novo Romance francês, escola literária que se articulou na França por volta de 1950-60 e agrupou escritores bastante diferentes entre si, mas que tinham o propósito comum de modificar estruturas romanescas tradicionais, minimizar a importância da intriga e lançar-se em novas experimentações escriturais. A voz narrativa desenrola-se toda na segunda pessoa, um “vous” intrigante, que, ao mesmo tempo, desdobra a narração e implica diretamente o leitor nessa viagem geográfica e interior da personagem. Outro aspecto é a atenção ao objeto miúdo que está à volta do narrador e que ganha destaque no espaço romanesco, bem como as mínimas ações desenvolvidas pelo narrador, como barbear-se, tomar banho ou deixar a valise no depósito da estação. Há uma tradução de Oscar Mendes Barbosa, de 1959.

11. Histoire (1960), de Claude Simon. O autor ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1985 pelo conjunto da obra e o prêmio Médicis em 1967 por esse romance. Claude Simon é um escritor obsessivo: as mesmas temáticas são retomadas em quase todos os romances: morte, decomposição, guerra, relações familiares. Personagens e imagens também voltam com regularidade, mas iluminadas por um novo ângulo. Nesta obra, o narrador volta à mansão da família para resolver negócios de herança; é a linha narrativa implantada no presente, geradora e aglutinadora das outras que se constroem de lembranças e de fantasmas. Corinne, a prima cheia de vida e sensualidade, é aqui adolescente e aparecerá adulta, casada, objeto do desejo de todas as personagens masculinas em *La route des Flandres* (1960). Um episódio da guerra civil espanhola é evocado em rápidos flashes e será centralizado em *Le Palace* (1962). O aspecto mais particular deste romance se articula em torno de maços de cartões postais, encontrados na gaveta de uma cômoda e que foram trocados entre o pai e a mãe durante um longo noivado em que ela espera o futuro marido, militar lotado em lugares distantes e exóticos. A descrição das imagens e dos curtos textos escritos alimenta a narrativa. Essas descrições e uma narrativa pouco linear levaram a crítica a ligar Claude Simon ao Novo Romance francês.

12. O amante (1984), de Marguerite Duras, foi um romance de grande aceitação na mídia, o que nem sempre aconteceu com as obras anteriores da autora. Se nos ativermos à linha narrativa central, conta o relacionamento de uma jovem de quinze anos e meio, de família francesa, antes da guerra na Indochina, com um chinês bem mais velho que ela; bons ingredientes para um best-seller. E foi o que aproveitou Jean-Jacques Annaud no seu belo filme de 1991. Mas o romance está bem longe de reduzir-se a isso e compreende-se a ira de Marguerite Duras contra o diretor e que a levou a escrever em revide *O amante da China do Norte*, o roteiro de como deveria ser o filme. Na verdade, o romance é uma busca da escritora madura do que teria sido a sua imagem na época em que conheceu o Chinês, a busca do que ela chama do “rosto do gozo”. As relações com as outras personagens, designadas pelo seu papel familiar - a mãe, o irmão mais velho, o irmão mais moço – são parte fundamental da narrativa. E paralelamente um intenso questionamento do ato de escrever e da relação da fotografia com a escritura, já que o projeto inicial era uma ilustração textual de fotos antigas da escritora. Uma narrativa construída através do fragmentário numa busca da identidade da “menina da balsa”, que a enunciação designa ora em primeira, ora em terceira pessoa. Há uma tradução de 2007, de Denise Bottman, em edição da CosacNaify, com posfácio de Leyla Perrone-Moisés.